Bibliografia

C. BRESCIANI-TURRONI — *CORSO DI ECONOMIA POLITICA*

Em 1947, encontrei, em modesta livraria de Roma, as "LEZIONI DI TEORIA ECONOMICA", editadas naquele mesmo ano. Eram as aulas do grande professor da Universidade de Milão, apresentadas, em forma resumida, em péssimo papel e horrível composição dactilográfica, que desanimariam qualquer leitor, não fôra a sedução do nome do notável intérprete da inflação alemã de 1923, que LIONEL ROBBINS aponta como uma das mais impressionantes e convincentes lições da história econômica de todos os tempos:

"The financial convulsions of the Great Depression were, in part at least, the product of the distortions of the system of international borrowing and lending to which its ravages had given rise. If we are to understand correctly the present position of Europe, we must not neglect the study of the great German inflation. If we are to plan for greater stability in future, we must learn to avoid the mistakes from which it sprang."

(*The Economics of Inflation*, London, 1937).

Depois de passar os olhos na brochura de BRESCIANI-TURRONI, de lhe avaliar o poder de concentração, a par de extrema clareza, suspirei pela ampliação daquelas notas de aula. Felizmente, meu desejo (e de milhares de outros, é óbvio!) se vai realizando: o primeiro volume aí está, e o segundo deverá aparecer em breve. E' pena que o espaço reservado pela *Revista Brasileira de Economia* à bibliografia não autorize certa amplitude de considera-

ções, por parte de quem gostaria de frisar os conceitos, observações e esclarecimentos de uma das mais destacadas autoridades da ciência econômica contemporânea sôbre questões fundamentais da economia pura. Passemos, pois, os olhos, muito ràpidamente, sôbre o grande volume *in* 8.º, com quase 400 páginas. Logo no prefácio — aliás, de meia página apenas — o mestre ilustre adverte os professôres de economia, no sentido de que não cedam à tentação da linguagem terra a terra, muito embora devam empregar expressões precisas que, sempre que possível, seriam suplementadas com fórmulas e demonstrações matemáticas.

No primeiro volume de seu "Corso", o professor BRESCIANI-TURRONI trata da teoria geral dos fenômenos econômicos. Espírito científico, para o qual já chegou o tempo de se fazer a síntese da ciência econômica, lembra-nos, a cada passo, os ensinamentos de RICARDO, WALRAS, BÖHM-BAWERK, MENGER, PARETO, MARSHALL e tantos outros que fizeram progredir êsse ramo dos conhecimentos humanos, o qual, a despeito de tratar dos assuntos mais corriqueiros e tangíveis da vida, exige alto grau de abstração, de que o conceito de rédito de ROBERT LIEFMANN é exemplo eloqüente:

"Jamais o trabalho, a terra e o capital, juntos ou separados, poderiam oferecer *bens* econômicos, isto é, resultado econômico no sentido de lucro ou renda individual. O trabalho, a terra e o capital dão *produtos*. Se dêsses produtos surgirá ou não lucro ou rédito, isso depende da avaliação, puramente subjetiva, tanto daquele que os produziu como daquele que, através a troca, os adquiriu.

A produção cria produtos. A idéia de que a produção — portanto, a aplicação de trabalho, terra e capital, da qual se derivam *bens físicos* — dá rendimento ou lucro, isto é, a idéia de sua *produtividade em valor* tem origem na confusão entre resultado técnico e econômico, entre rédito e mercadoria.

Pelo único fato de sua produção ter exigido trabalho e capital, não se pode concluir que os *produtos* possam ser considerados *bens econômicos*" (*Ertrag und Einkommen*, Jena, 1907).

Semelhante esforço para penetrar fundo no fenômeno econômico é que distancia o teórico do empirista, dando-lhe êsse espírito de generalidade, que é a característica mesma da ciência.

Di-lo o próprio professor BRESCIANI-TURRONI, em livro anterior ao Corso:

"L'uomo pratico ha certamente, nella sua branca speciale, una competenza di gran lunga superiore a quella che un teorico potrebbe procurarsi; ma quest'ultimo, grazie alle forme che la sua mentalità ha acquistate, e allo studio delle esperienze fatte in campi svariatissimi dell'ativitá economica, è spesso capace di una visione d'insieme più completa" (*Introduzione alla Politica Economica* — Torino, 1944).

Marginalista convicto, estuda os fenômenos fundamentais da economia (que FRANCESCO VITO julga possam ser unificados no fenômeno da troca — *Il Prezzo e la Distribuzzione*, Milano, 1945) sob a luz intensa dessa teoria fecunda, que tanto fêz avançar êsse ramo do saber. Seguidor de WALRAS e PARETO, confessa que as lições do "Corso" se inspiram na teoria do equilíbrio econômico, que é uma das maiores sínteses jamais elaboradas pelo espírito humano.

Todavia, em que pese à influência exercida por êsses dois brilhantes espíritos em sua formação cultural, BRESCIANI-TURRONI não deixa de acolher as observações que lhe possam alargar a *visão de conjunto* dos fenômenos econômicos, cuja complexidade é padrão de glória e de humilhação, ao mesmo tempo, da ciência econômica.

Como FRANÇOIS PERROUX, êle reconhece que:

"Un grand nombre de théories sont également valables, mais à des étages différents d'abstraction" (Prefácio à tradução da *Teoria da Evolução Econômica*, de SHUMPETER).

Êsse verdadeiro espírito científico enriquece o valor *didático* do *Corso*, ainda que a controvérsia reponte em meio à exposição pacífica do mecanismo dos fenômenos econômicos. E' bem verdade que não se trata de controvérsia pròpriamente dita, mas de contrastes entre teorias. Contudo, é de assinalar a maneira por que elas se inserem no contexto, sem alterar a continuidade de preleções destinadas a principiantes.

Outro traço interessante do livro do professor BRESCIANI-TURRONI é a extensão, às economias coletivistas, de princípios que, à primeira vista, poderiam parecer inadaptáveis a êsses sistemas. ERICH ROLL, em valioso livrinho de súmula econômica

(*Economic Theory*, Londres, 1936), alude a alguns dêsses princípios, que independem das instituições políticas, jurídicas ou sociais. BRESCIANI-TURRONI demonstra-lhes a universalidade. Penso que o professor da Universidade de Roma — GIUSEPPE UGO PAPI — aponta para o motivo superior de alguns critérios que norteiam a ciência econômica, tornando-a realística e não formal:

"*S'intende che ogni economia pura è scienza, cioè vera, nell'ambito delle premesse del sistema economico.* E s'intende che, quanto più le premesse aderiscono alla realta, tanto più si afferma il carattere utilitario della costruzione scientifica. Tanto più val dire, potranno servire, ai fini delle indagini concrete, le conseguenze logique che possono formularsi dai principi basati sulla considerazione di altri fatti. Non abbiamo interesse a costruire una scienza vera, ma formale. Abbiamo interesse a costruire una scienza vera e viva.

Nell'adesione dei postulati di un sistema al mondo reale risiede la vitalità della scienza economia. Sarebbe in errore chi ritenesse l'economia avulsa dalla realtà. Essa muove dalla realtà e per serrarla più da vicino foggia un modelo semplificato del fenomeno reale, un modelo, in cui, date le premesse del sistema, rientrano tutti i casi possibili. *Chi si arrestasse alla semplice osservazione della realtà e volesse approfondirla senza il sussidio della teoria, si smarrirebbe nella casuistica e nel'empirismo.* Cio dimenticano coloro che, facendo un passo indietro, vorrebbero ridurre l'economia a *una statistica economica.*"

(GIUSEPPE UGO PAPI, *Lezioni di Economia Politica*, Padua, 1947).

Nesse reconhecimento do prestígio da teoria, como fator de solução de problemas *práticos*, reside a superioridade dos administradores da economia e finanças públicas. Não quer isso dizer que êles vão *aplicar* a teoria que os empolgaram, em ligeira leitura do último livro que lhes caiu às mãos. Não. O prestígio da teoria, nesse caso, não está na adoção apressada de idéias, cuja aclimação ignoramos. A ascendência da teoria a que nos referimos é essa atividade do espírito humano:

"Considerata nel suo aspetto universale, diretta a due scopi: *conoscere, operare.* Quando è diretta alla conoscenza si dice

teorica; quando è diretta all'azione si dice pratica" (LUIGI AMOROSO, *Lezioni di Economica,* Roma, 1944).

Essa atitude universalista, se assim nos podemos expressar, é que permite destruir as divisões artificiais entre teoria e prática, erigidas por mal-entendidos.

Exemplo, dentre muitos, vamos encontrar na teoria da produtividade marginal, que condiciona a distribuição do rédito entre os fatôres de produção.

Haverá contradição entre a ética — que se bate pela remuneração do trabalho segundo o nível crescente das necessidades de *família* — e a teoria da produtividade marginal?

MAFEO PANTALEONI diz que não:

"A verdade acêrca da produtividade do trabalho em relação ao salário é antes esta: a produtividade do trabalho é um dos fatôres da entidade do produto total, como o é o capital, e a divisão do produto total entre o capitalista e o operário se faz em estrita conformidade às leis do valor, de modo que o produto total maior — seja proveniente de eficácia aumentada do capital, seja, ao contrário, provenientes de maior produtividade do trabalho — se reparte em quotas *independentes da fecundidade do trabalho ou do capital,* assim que pode suceder cresça a remuneração do capitalista e do trabalhador, como pode também dar-se que cresça sòmente a remuneração de um dos dois, permanecendo a mesma a do outro, e pode, também, ocorrer que a remuneração de um dos dois seja menor que antes e tanto maior seja a do outro" (*Princípios de Economia Pura.* Tradu. de CASSIO MACHADO FONSECA — São Paulo, 1939).

Êsse ponto de vista é retomado por LUIGI AMOROSO, quando diz:

"La produttività marginale del lavoro e quindi il livello dei salari dipende essenzialmente dalla quota di capitale che complessivamente in tuto il mercato si combina con l'unità di lavoro" (*Economia di Mercato* — Roma, 1949).

A "Welfare Economics" não está, pois, em oposição ao marginalismo. Parece, assim, que a ciência econômica vai prosseguindo na trajetória que lhe traçaram, há quase dois séculos, os clássicos. As gerações posteriores de estudiosos vão aprimo-

rando teorias, retificando detalhes, completando pesquisas deixadas pelos anteriores, que tal é a obrigação do homem cônscio de seus deveres para com a sociedade: conservar, melhorando. Ao finalizar sua profunda *Histoire des théories économiques* (Paris, 1950), ÉMILE JAMES tem esta frase:

"D'ARISTOTE à Lord KEYNES, un bien long chemin a été parcouru. Sur cette route les économistes ont souvent hesité, fait des faux pas ..... L'effort incessant fait depuis des siècles, et surtout récemment, a pourtant donné des fruits".

E um dos mais belos livros que no-lo mostram é o do respeitável mestre italiano.

Faculdade Nacional de Ciências Econômicas
Rio de Janeiro

J. Nunes Guimarães